

Joel Zito Araújo

00:49 - Joel Zito Araújo off: Às vezes, ser documentarista me parece uma coisa muito simples, e em outras vezes algo complexo e contraditório. É gostar de narrar, de inventar narrativas, de fazer descobertas, de fazer viagens. É uma tentativa de organizar o caos do mundo em uma narrativa envolvente e estruturada. Mas, ao mesmo tempo, é ter a coragem de deixar o caos do mundo vazar pelas brechas de sua história para evitar passar a ideia de que a vida é uma coisa meio organizadinha, meio bonitinha. É compreender que sua meta é de mostrar a realidade, seja ela pessoal, social ou política. É ver que o belo para você pode ser duro ou feio para os outros. É ter também um pacto com momentos de ódio, o ódio contra a injustiça. É alimentar em si mesmo e nos outros uma eterna revolta contra aquelas responsáveis pelas profundas desigualdades e opressões do mundo. É buscar sempre ser humano, profundamente humano.

Joel Zito Araújo: Eu posso começar contando como eu comecei a ser documentarista. Esse processo veio de uma dupla militância. Militância política, especialmente na periferia de Belo Horizonte, com movimento de bairro, de transporte, etc. Com a militância universitária e especialmente o movimento cineclubista mineiro. Fui um dos que implantou o cineclube na minha escola, nos bairros que eu atuava também. Me deparei com uma revolução tecnológica, que foi o aparecimento das câmeras baratas de VHS. Que nos possibilitou começar... Muita gente começou a fazer filmes pelo barateamento mesmo do equipamento. Aí que começam os meus primeiros trabalhos. Primeiro como roteirista, depois como documentarista. Mas eu vou me estabelecer um pouco depois, ter um certo reconhecimento um pouco depois, por volta de 88, me insiro em um movimento muito interessante. Foi a Associação Brasileira de Vídeo Popular. Dentro que uma coisa que já era parte do meu contexto. Que era uma ideia de documentários não mais os intelectuais falando sobre o povo, mas uma ideia de que os movimentos, os vários segmentos da sociedade popular produzissem a sua própria imagem, sua própria narrativa.

Ruth de Souza no filme: Recebemos uma força e energia de coisas que não sabemos explicar. Quando ouço as histórias, me impressiono, e me pergunto, de onde vem tanta determinação pra superar tantas dificuldades?

Ruth de Souza off no filme: Não consigo, ao ouvir suas histórias, deixar de pensar no mito de Oxum, a quem milhares de mulheres recorrem buscando proteção e ajuda para

que seus filhos se desenvolvam saudáveis em seus úteros. Oxum é a garantia de filhos perfeitos e sadios.

Joel Zito Araújo: Então logo depois quando eu começo ter a segurança de que eu tinha um certo controle da narrativa documental eu passo a me dedicar a fazer filmes sobre a questão racial. Eu tô falando de 91. Foi o meu primeiro trabalho mais frontal, que se chama “Retrato em preto e branco”, que é um curta, e fez um certo sucesso, circulou fora, entrou em várias mostras importantes fora.

Homem off no filme: Muitas vezes, meu caro amigo, quando penso nos efeitos que as imagens de TV exerceram sobre mim e continuam exercendo sobre as crianças negras, sobretudo na minha filha, sentimentos de angústia e revolta me invadem.

Paquitas na TV: Aaaaa-uê! Aaaaaa-uê!

Homem off no filme: Na TV, o belo é branco, o bom é branco, o branco é consumidor, o branco tem família, a criança branca é criança, mas a criança negra é o menor marginal.

05:05 - Homem off no filme: Os heróis são brancos ou amarelos. Os negros, são malandros ou ingênuos, serviçais ou bandidos.

Outro homem em off: ...todos de arma em punho, muita ação...

Homem grita: As mãos de cada um! As mãos, as mãos!

Outro homem em off: Eles estão pedindo pra todo mundo erguer as mãos aqui, dando uma geral, local que tem muita boca de fumo, revólver na mão, 38 na mão, dando as ordens...

Policial: Em cima do balcão as mãos! Primeiro vê se tem arma, depois documentação!

Policial: Isso aí é uma ação da polícia para aqueles que trabalham, quem é comerciante e paga imposto. A finalidade é tirar da rua quem não tem ocupação e fica vagabundeando.

Zoel Zito Araújo: “A Negação do Brasil” é resultado direto de uma bolsa que eu ganhei e uma fundação norte americana que atuava muito no Brasil na área de direitos reprodutivos no início dos anos 90 pra pesquisar o cinema e a TV negra nos EUA. Então eu passo o segundo semestre de 94 lá. E eu falei, eu acho que é isso, acho que precisa no Brasil fazer um documentário analisando a televisão. Analisando o quanto que a televisão tem uma

narrativa racista, né? E voltei com esse propósito pro Brasil. Só que eu fui afunilando, eu percebi que fazer um documentário sobre a questão racial na TV era muita coisa. Então acho que meu foco deveria ser aquilo que é o campeão de audiência, aquilo que mobiliza, que é a telenovela.

Zoel Zito Araújo off no filme: Aquelas pessoas, em sua maioria negros e mulatos como eu, disputavam todas as noites um espaço nas janelas do meu tio para se encantar com “O Direito de nascer”. A atriz Isaura Bruno foi imortalizada por sua performance como Mamãe Dolores. A cena final, em que Mamãe Dolores revelou quem eram os pais verdadeiros de seu filho de criação, foi vista por 1,5 milhão de telespectadores. Mas a coincidência do primeiro sucesso de audiência da telenovela brasileira e a paixão despertada por essa personagem negra, não se constituiu em nenhum sinal de que teríamos a partir dali um futuro promissor para os atores negros. Depois de atuar em somente 3 novelas nos 6 anos seguintes, Isaura Bruno morreu pobre, e como uma desconhecida, vendendo doces na Praça da Sé, em São Paulo.

Música: ...Que uma linda ilusão....

Zoel Zito Araújo off no filme: A história de Isaura Bruno já prenunciava o drama de reconhecimento que viveriam todos os atores negros da TV brasileira.

Zoel Zito Araújo: Um dos elementos mais fortes da forma que aparece o racismo na narrativa dramaturgica vem pela ideologia do branqueamento. Vira e mexe aparece o vilão. Uma das características do vilão é ser racista. Então aquilo que se espera de evidência do racismo, do comportamento do racista vem no vilão. Mas o maior racismo não está naquele que chama a mulher negra de macaca, etc. O maior racismo está em negar que a maior parte dos brasileiros não são nórdicos, não são arianos, esse é o maior racismo.

Zoel Zito Araújo off no filme: Em “A Cabana do Pai Tomás”, a escolha de um ator branco, Sérgio Cardoso, um dos maiores galãs da época, para interpretar o velho negro Pai Tomás, provocou a primeira polêmica pública sobre a questão racial na televisão brasileira.

Milton Gonçalves no filme: Ele se pintava de negro, botava umas rolhas no nariz, pra ficar mais abatado, botava uns algodões por dentro da boca, pra ficar assim “aquele preto véio que não sei o que, meu filho”... Excelente ator. Só que o Plínio Marcos começou, em São Paulo, levantando algumas questões com relação a um país com mais

da metade de negros, parentes e afins, e chamaram um ator branco para pintá-lo, e para colocá-lo no ar como se não existissem atores negros que pudessem fazer aquele personagem.

Zoel Zito Araújo off no filme: Uma série de protestos realizados em São Paulo liderados pelo ator e autor teatral Plínio Marcos obrigou a emissora e buscar justificativas para o último “black face” que se tem notícia na telenovela brasileira.

09:39 - Zoel Zito Araújo: Foi surpreendente pra mim quando eu vi que a maior rede de televisão estava lançando uma novela que se passa na Bahia, estado que tem oitenta e tantos por cento da população negra, e essa novela, que tinha como autor aquele que primeiro criou uma protagonista negra, chamada “A Cor do pecado”, no passado, o que, por si, eu senti como uma resposta positiva ao “A Negação do Brasil”. Quando eu vi esse autor que fez “A Cor do pecado”, fazendo essa novela, escrevendo essa novela, e esses diretores repetindo essa estética do branqueamento, essa coisa de que nós gostamos de nos ver enquanto brancos, que o brasileiro gosta de se ver enquanto branco, que o brasileiro quer mostrar pro mundo que é um país branco, percebo que esses autores e esses diretores estão muito... Eles estão numa bolha, uma bolha interna, em que eles acreditam nisso e não querem mudança. Eu fiquei atônito, mas não me surpreendeu, nem me desanima. Não me desanima por um motivo. Porque, rapidamente, nas mídias sociais, toda aquela reflexão que eu acho que eu inaugurei com o “A Negação do Brasil”, ela surgiu espontaneamente, e das formas mais variadas, e com enorme riqueza em torno disso.

Zezé Mota no filme: Assim que estreou “Xica da Silva”, que estourou no mundo inteiro, eu me lembro que poucos dias depois da estreia eu recebi um telefonema da TV Globo pra ir buscar um roteiro de uma minissérie. Eu falei “oba, agora ninguém me segura!”. Quando eu cheguei lá, era uma minissérie baseada em um romance da Clarice Lispector chamada “Dia...” É... “Dia do aniversário...” Ai meu Deus, não me lembro mais o nome. Mas era alguma coisa ligada ao aniversário. E eu vim eufórica com o script, lendo no táxi, quando de repente eu estava sendo convidada pra servir doce na “Festa de aniversário”, da Clarice Lispector. E eu recusei. Recusei porque eu não fazia mais nada. Quer dizer, eles não estavam me convidando pra fazer nada, só pra servir doces na festa de aniversário da minissérie. E aí o Zimbinski, muito carinhosamente, falou “querida, eu estou te ligando

pessoalmente, eu te imploro, aceite o convite. Se você continuar dizendo não, você não vai mais poder fazer televisão”. Eu falei pra ele “então eu não vou mais fazer televisão”.

Zoel Zito Araújo: Ter abraçado essa causa, é uma causa. É uma causa que vem de uma compreensão de que tem uma profunda desigualdade racial no Brasil e que você precisa de pessoas que pensem. Você precisa de pensadores, de artistas que possam ajudar a fazer com que a maior parte da sociedade compreenda isso e dê um salto. Eu ter de certa forma virado um ponto catalizador desse debate social, desse debate político, enfim, na sociedade, foi muito energizador pra mim. Eu acho que que... Enfim, me aumentou também um orgulho enquanto cidadão de estar podendo contribuir com meu país.

Musica no filme: Os sonhos mais lindos / Sonhei / De quimeras mil um castelo ergui / E no teu olhar / Tonto de emoção / Com sofreguidão / Mil venturas eu vi

14:34 - muda música: [trecho em italiano/inglês]

Zoel Zito Araújo: O Fato de eu me interessar em fazer o filme “Cinderelas, lobos e um príncipe encantado”, o elemento motivador foi a questão racial. Eu um dia encontro uma amiga pra beber alguma coisa e ela fala “Joel, você sabia que o turista estrangeiro quando vem pra cá, o turista sexual, do estrangeiro quando vem pro Brasil, ele está mais interessado na mulher negra e na criança e adolescente negros? Eu falei, não... Ela falou é, as pesquisas mostram isso. Eu faço uma viagem pro Nordeste, conversando com todo mundo que estava trabalhando diretamente com turismo sexual e constato essa coisa que ela me falou.

Joel Zito off no filme em espanhol (transcrição da tradução): O que você acha da mulher brasileira?

Homem em espanhol (transcrição da tradução): Que são encantadoras. A sensualidade que têm de falar a língua, a forma de falar. Olha que fico com a pele arrepiada, me encanta!

Joel Zito off no filme em espanhol (transcrição da tradução): Que diferenças há das europeias, espanholas. Há diferença?

Homem 2 em espanhol (transcrição da tradução): Só com o corpo, bastante. Há diferenças. A barriguinha e a bundinha empinada. Essa é uma enorme diferença. E a cor

da pele. E também que são muito mais agradáveis. Porque são muito mais simpáticas, mais atentas com você. Vai ver estão mais atentas com você

Joel Zito: Eu também entro em contato com algumas dessas mulheres e vejo que elas tinham um sonho de Cinderela. E aquelas mulheres que eram balconistas, empregadas domésticas, vendedoras, sei lá o quê, normalmente mulheres pobres, de baixa renda, que vão pro turismo sexual, viram naquilo ali uma chance de ascensão, de encontrar um gringo, de ir pra fora. De subir de vida.

Joel Zito off no filme: Quanto você consegue ganhar por mês aqui?

Mulher: Mil e duzentos reais.

Joel Zito off no filme: Quanto você ganharia se você fosse empregada doméstica?

Mulher: Trezentos e oitenta reais. Não dá pra sobreviver, um ser humano com dois filhos não dá pra sobreviver. Passa fome. Passa fome.

Joel Zito off no filme: E quem são os seus clientes aqui no Pelô?

Mulher: Eu tenho mais sorte com gringo, tenho mais sorte. Com a maior parte dos brasileiros eu não tenho sorte. Então é mais gringo.

Joel Zito off no filme: O sonho de encontrar...

Mulher: Cem por cento das mulheres normais têm esse sonho. De ser feliz na vida. E a maior parte dos brasileiros, não todos, mas a maior parte só quer a mulher pra usar e deixar lá.

Joel Zito off no filme: Você tem preferência por homem branco, negro...

Mulher: Eu me sinto melhor na minha relação com o homem branco. Não me sinto bem com negro.

Joel Zito off no filme: Por quê?

Mulher: Maltrata demais a mulher.

Joel Zito: Eu desconfiava que por trás daquilo tivesse também a ideologia do branqueamento. A vontade de realizar um sonho das mulheres brasileiras de casar com um homem branco do olho azul. Eu percebi que elas não tinham muito deste elemento.

Elas sim tinham uma certa mágoa do homem negro porque ela percebia que do mesmo jeito que a sociedade as rejeitava, as colocava com as feias, a carne mais barata do mercado, os homens negros que elas esperavam como aqueles que fossem segurar na mão e dizer eu te amo, você é linda, também estavam absorvidos por essa ideologia e se comportavam de uma forma diferente. Essas relações com esses gringos acabavam sendo relações de empoderamento e de autoestima pra essas mulheres. Porque chegava esse gringo diante dessas mulheres e falava, você é bonita demais, você é gostosa, é isso, é aquilo, e aquilo era elemento tbm de auto estima pra essas mulheres. Foi a questão racial que me motivou a fazer um filme em que o tema central é a questão do turismo sexual.

Mulher no filme: ...essa parada pesada aqui, agora...

Eu sou (?), africano... Porque eu não levo essa droga solta?

Homem no filme: Compra tudo!

Mulher off: Polícia...

Homem: Compra polícia, compra polícia federal...

Mulher off: Aquele juiz mandou fazer uma pesquisa comigo, aí eu falei... Era coisa lá de quilombola. Olha, cadê as nossas matas? Cadê nosso remédio, medicina... não precisamos apanhar madeira não... Agora daqui... “Porque vocês estão tomando a terra deles”. Eu falei, tomando a terra deles? “Vocês chegaram...”. Eu falei, meu filho, nós chegamos... Quem chegou na década de 70, e quem nasceu aqui? E nossos pais eram daonde, nossos avós eram daonde? Quem fez isso aqui?

19:50 - Joel Zito: “Raça” surge de uma compreensão que a gente estava vivendo um salto. Eu comecei a perceber que finalmente o país inteiro estava discutindo a questão racial, motivados especialmente por uma questão que foi a luta por cotas para estudantes negros na universidade. A universidade pública era um lugar de direito da classe média. E a introdução de cotas mobilizou a classe média, mobilizou a mídia e tornou a questão racial no Brasil não mais um problema dos negros ou uma questão dos negros. Porque, pela primeira vez, depois da abolição, o fato de ser negro trouxe alguma vantagem. Que foi com as cotas. Ser negro nunca foi vantagem, sempre foi desvantagem na sociedade brasileira. Ser negro é ser perseguido pela polícia. Independente do seu lugar social, é sempre ser visto com desconfiança, ser visto como inferior, ser visto como feio. Sempre

em desvantagem. Mas cotas trouxe essa mudança de paradigma. Esse era o ponto de mudança que eu percebi, que me levou a fazer o filme “Raça”. É que eu percebi que a gente estava virando a página, a questão racial finalmente virou uma questão nacional.

Netinho de Paula no filme: “Pô, um canal só pra negros?”. E nós nunca quisemos fazer um canal só pra negros. Nós queríamos um canal que tivesse negros também.

Mulher: Porque demorou a surgir uma ideia desse tipo em um país com uma realidade muito racial como é o Brasil?

Netinho de Paula: Sempre deixou muito claro que o Brasil é o país da democracia racial, onde todos vivem em harmonia, o negro, os brancos, os índios, e tal. Vamos colocar que nós somos 50% da população. Se timidamente você vê algumas famílias na novela, e você vê alguns apresentadores, algumas iniciativas, com uma TV que existe já 50 anos, significa que nós vivemos um problema neste sentido. A democracia racial aqui no Brasil ela não existe no campo das comunicações. A gente vê as agências de publicidade, por exemplo, tentando colocar modelos negros, fazendo algumas coisas, fazendo comerciais, eu acho que o Brasil está caminhando pra uma mudança. E a TV faz parte de um processo de mudança.

Joel Zito off: “Raça” é o resultado dessa jornada. Então nós passamos cinco anos acompanhando esses personagens, personagens propositivos, personagens buscando a mudança, personagens agindo pela mudança da sociedade. A gente não queria o personagem da queixa, aquele que reclamava. A gente queria o personagem que estava agindo sobre a realidade.

Paulo Paim off no filme: Nós somos praticamente metade da população deste país. Aqui no congresso nacional nós temos 1 senador negro, este que vos fala.

Nós somos e queremos também ser sujeitos da nossa própria história.

Sou negro. Meus avós foram queimados pelo sol da África. Minha alma recebeu o batismo dos tambores, atabaques, gonguês e agongás. Contaram que meus avós vieram de Luanda, como mercadoria de baixo preço. Plantaram cana pro senhor no engenho novo, e fundaram o primeiro maracatu. Depois, meu avô brigou com o danado, nas terras de zumbi, era valente como o quê, na capoeira ou na faca. o pau comeu. Não foi um pai João, humilde e manso. Mesmo vovó não foi de brincadeira. Na guerra dos Malês ela se

destacou. Na minh'alma ficou o samba, o batuque, o bamboleio e o desejo eterno da libertação.

Joel Zito: Eu não tinha consciência de porque a questão racial me chamou atenção. Muito depois eu compreendi que o fato de ser filho de um casamento de uma mulher negra com um homem quase branco, e a vivência do racismo, especialmente da minha mãe. Tomei partido da minha mãe. Depois da separação minha mãe se tornou... foi trabalhar. E foi trabalhar como o quê? Empregada doméstica, lavadeira, depois como operária de fábrica. Enquanto que meu pai tinha uma vida de classe média do interior. Tinha uma vida mais confortável. A família do meu pai tinha uma vida confortável. Eu vivia essa angústia dessa mãe que morava na periferia, dessa mãe... E o pior de tudo dessa mãe é que na minha adolescência eu tinha vergonha de mostrar. Eu não queria que meus colegas na escola, que era a melhor escola da cidade, que meu pai me colocou, soubessem que eu tinha mãe negra, como se eu pudesse esconder isso. Em um determinado momento eu me revoltei comigo mesmo, de estar escondendo a minha ascendência negra e escondendo minha mãe, na verdade estava escondendo minha mãe. E essa coisa foi muito violenta pra mim. Se você encontrar minha mãe hoje, você não tem ideia do que ela passou, do que ela viveu. E ela tem consciência do que me aconteceu, é profundamente orgulhosa. Eu diria que o Brasil ainda deve à minha mãe e à família da minha mãe. Mas nós não devemos mais e acho que a gente deu pra ela aquilo que ela merece.